O sinaleiro

– Olá, aí embaixo!

Quando ouviu uma voz chamando-o, ele estava parado à porta de sua cabine, bandeira na mão, enrolada em sua haste curta. Alguém teria pensado, considerando a natureza do terreno, que ele não poderia ter duvidado de que lado vinha a voz; porém, em vez de olhar para cima, para o topo do abrupto corte no morro onde eu estava, praticamente sobre sua cabeça, ele se virou e olhou para a linha do trem. Havia algo singular na maneira de ele fazer aquilo, apesar de eu não saber explicar o que era. Mas sei que era singular o bastante para atrair minha atenção, ainda que seu vulto estivesse só delineado na sombra, lá embaixo na profunda trincheira, e o meu estivesse bem acima dele, tão imerso no brilho de um pôr do sol inflamado que eu tinha protegido meus olhos da luz com a mão antes de conseguir enxergá-lo.

– Olá! Aí embaixo!

Depois de olhar a linha do trem, ele se virou novamente e, erguendo os olhos, enxergou meu vulto bem acima dele.

– Tem algum caminho por onde eu possa descer e falar com o senhor?

Ele olhou para mim sem responder e eu o olhei sem pressioná-lo logo com a repetição da minha pergunta inútil. Naquele momento, uma tênue vibração

surgiu na terra e no ar, transformando-se rápido numa trepidação violenta e numa agitação próxima, que me fez recuar, como se tivesse força para me arrastar para baixo. Quando a fumaça desse rápido trem passou por mim e foi sumindo na paisagem, uma fumaça que chegara à altura da minha cabeça, olhei para baixo de novo e o vi enrolando a bandeira que havia desfraldado enquanto o trem estava passando.

Repeti minha indagação. Depois de uma pausa, durante a qual ele parecia me observar com a máxima atenção, ele me guiou com sua bandeira enrolada em direção a um ponto no meu nível, a duzentos ou trezentos metros de distância. Gritei para ele: "Muito bem!" e me dirigi àquele ponto. Ali, examinando à minha volta com atenção, encontrei um caminho tosco descendo em ziguezague, que eu segui.

O corte no morro era profundo ao extremo e surpreendentemente íngreme. Fora feito numa pedra viscosa, que se tornava ainda mais pegajosa à medida que eu descia. Por essas razões, achei o caminho longo o bastante para me dar tempo de lembrar a maneira estranha, de relutância e de obrigação, com a qual ele havia me apontado a trilha.

Quando havia descido o bastante no declive em ziguezague para vê-lo de novo, percebi que ele estava parado entre os trilhos, no caminho onde o trem havia recém passado, numa postura como se estivesse esperando eu aparecer. Tinha a mão esquerda no queixo, e o cotovelo esquerdo apoiava-se na mão direita, esta atravessada no peito. Sua postura era de tamanha expectativa e cautela que parei um momento, examinando-a.

Prossegui no meu caminho de descida, pisei no nível da estrada de ferro e, chegando mais perto dele, percebi que era um homem moreno e pálido, com uma barba escura e sobrancelhas muito pesadas. Seu posto era o lugar

mais solitário e sombrio que eu já havia visto. Em ambos os lados, havia uma parede de umidade gotejante da rocha recortada, que eliminava toda e qualquer vista, exceto uma faixa do céu. O panorama, numa direção, era apenas um prolongamento torto desse grande calabouço; o panorama mais curto, na outra direção, terminava numa melancólica luz vermelha e na entrada ainda mais melancólica de um túnel escuro, em cuja arquitetura pesada havia um ar cruel, deprimente e ameaçador. Tão pouco sol penetrava naquele lugar que o cheiro era de terra e de morte; e tanto vento frio soprava por ali que me deixou arrepiado, como se eu tivesse deixado o mundo natural.

Antes de ele se mover, eu estava perto o bastante para poder tocá-lo. Sempre sem desviar os olhos dos meus, ele deu um passo para trás e ergueu a mão.

Esse era um posto solitário para ocupar (eu disse), e isso tinha chamado minha atenção quando olhei lá de cima. Uma visita era uma raridade, eu supunha; não uma raridade inoportuna, eu esperava. Em mim, ele via apenas um homem que tinha sido aprisionado dentro de limites estreitos por toda a vida e que, ao ser afinal libertado, tinha despertado um interesse recente por essas máquinas importantes. Com esse propósito, falei com ele; mas estou longe de ter certeza dos termos que usei, porque, além de eu não gostar de começar qualquer conversa, havia algo naquele homem que me atemorizava.

Ele dirigiu o mais curioso olhar na direção da luz vermelha perto da boca do túnel e olhou tudo ao redor, como se alguma coisa estivesse faltando, e só então olhou para mim.

A luz era parte de sua função? Ou não era?

Ele respondeu numa voz baixa: "O senhor não sabe que é?"

Um pensamento monstruoso veio à minha mente enquanto eu examinava o olhar fixo e o rosto saturnino,

de que ele era um espírito, não um homem. Eu tenho especulado, desde então, se poderia ter havido um distúrbio infeccioso na sua mente.

Por minha vez, recuei. Porém, em fazendo isso, detectei nos seus olhos um certo medo latente de mim. Isso afugentou meu pensamento monstruoso.

– Você me olha – eu disse, forçando um sorriso – como se tivesse receio de mim.

– Eu estava em dúvida – replicou ele – se já tinha lhe visto antes.

– Onde?

Ele apontou para a luz vermelha que olhara antes.

– Ali? – perguntei.

Cauteloso ao extremo, ele respondeu (mas sem som):

– Sim.

– Meu bom homem, o que eu faria ali? De qualquer modo, seja como for, eu nunca estive ali, pode acreditar.

– Acho que posso – ele retorquiu. – Sim, tenho certeza que posso acreditar.

Sua aparência se iluminou, assim como a minha. Ele respondeu aos meus comentários com disposição e palavras bem escolhidas. Se ele tinha muito o que fazer ali? Sim, quer dizer, ele tinha bastante responsabilidade nos ombros; mas precisão e vigilância era o que exigiam dele, e de trabalho efetivo – tarefas braçais – ele tinha quase nada. Mudar aquele sinal, arrumar as luzes e girar sua manivela de ferro de vez em quando era tudo que ele tinha de fazer. Quanto àquelas muitas, longas e solitárias horas que eu parecia considerar importantes, ele podia apenas dizer que a rotina da sua vida tinha se moldado daquela forma e que ele se acostumara com aquilo. Aqui embaixo ele havia ensinado a si mesmo uma linguagem – isso se se podia chamar de aprendizado conhecer de vista

as palavras e formar as próprias idéias cruas da pronúncia dessas palavras. Ele também havia trabalhado com frações e decimais e experimentado um pouco de álgebra, mas ele era, e tinha sido quando menino, fraco em algarismos. Perguntei se era necessário para ele, enquanto trabalhava, ficar sempre naquele canal de ar úmido sem nunca poder subir até a luz do sol, saindo do meio daquelas altas paredes de pedra? Ora, isso dependia do relógio e das circunstâncias. Sob algumas condições, aconteciam menos coisas na linha do trem do que sob outras, e o mesmo se podia dizer de certas horas do dia e da noite. Num dia claro de sol, ele escolhia momentos para ir até um pouco acima dessas sombras mais baixas; mas, estando sempre sujeito a ser chamado a qualquer hora por sua campainha, acontecia que, nessas horas, ficando de ouvidos atentos com redobrada ansiedade, o alívio era menor do que eu podia imaginar.

Ele me levou à sua cabine, onde havia um fogareiro, uma escrivaninha para um livro de registros no qual ele tinha de fazer certas anotações, um instrumento telegráfico com o disco, fita de papel e agulhas e a pequena campainha da qual ele havia falado. Vendo-me confiante de que ele iria perdoar meu comentário sobre sua boa escolaridade e (eu esperava dizer isso sem ofensa) talvez um nível de instrução superior ao seu cargo, ele observou que exemplos de uma leve incongruência nesse sentido não faltavam nas grandes populações masculinas; que ele tinha escutado que isso era assim em fábricas, na polícia, até mesmo no último recurso desesperado, o exército; e que ele sabia que era assim, mais ou menos, em qualquer grupo de funcionários de uma grande estrada de ferro. Ele tinha sido, quando jovem (se é que eu podia acreditar nisso, sentado naquela cabana – ele mal podia), um estudante de filosofia natural e tinha freqüentado aulas; porém,

ele fizera bobagens, não aproveitara as oportunidades, decaíra; e nunca mais se levantou. Não tinha nenhuma reclamação a fazer. Havia feito sua própria cama e nela se deitado. Era tarde demais para fazer outra.

Tudo isso que eu aqui resumi ele contou de modo sereno, com suas pesadas e tristes lembranças divididas entre mim e o fogareiro. Lançava uma palavra de vez em quando: "senhor", em especial quando se referia a sua juventude – como se estivesse me pedindo para entender que ele não alegava ser nada além daquilo que eu havia encontrado. Ele foi diversas vezes interrompido pela pequena campainha, e teve de ler mensagens e enviar respostas. Uma vez ele teve de se colocar do lado de fora da porta, exibir uma bandeira de sinalização enquanto um trem passava e fazer uma comunicação verbal ao maquinista. No desempenho de suas tarefas, eu o observei ser notavelmente preciso e vigilante, interrompendo seu discurso no meio de uma palavra e permanecendo quieto até cumprir com o que tinha de ser feito.

Numa palavra, eu poderia indicar esse homem como um dos mais capacitados para aquele cargo, exceto pela circunstância de que, enquanto falava comigo, por duas vezes calou-se, pálido, virou o rosto na direção da pequena campainha quando esta *não* havia tocado, abriu a porta da cabana (que permanecia fechada para não deixar entrar a umidade insalubre) e olhou na direção da luz vermelha perto da boca do túnel. Em ambas as ocasiões, ele retornou para o fogareiro com um ar inexplicável, no qual eu havia reparado, mas sem conseguir definir naquele momento em que estávamos tão distantes de tudo.

Eu disse, quando levantei para deixá-lo:

– Você quase me faz pensar que conheci um homem satisfeito.

(Devo admitir que disse isso para provocá-lo.)

– Acho que eu era assim – ele retrucou, com a voz baixa que ele usara quando começou a falar –, mas eu estou transtornado, senhor, eu estou transtornado.

Ele teria engolido as palavras se pudesse voltar atrás. Ele as disse, no entanto, e eu as usei rápido.

– Com o quê? Qual é o problema?

– É muito difícil de dizer, senhor. É muito, muito difícil de falar. Se o senhor algum dia me fizer outra visita, eu vou tentar lhe contar.

– Mas é certo que pretendo lhe fazer outra visita. Diga, quando deve ser?

– Eu saio de manhã cedo e devo estar de volta às dez horas, amanhã de noite, senhor.

– Então eu venho às onze.

Ele me agradeceu e me levou até a porta:

– Vou iluminar o caminho com minha luz branca, senhor – disse ele, com sua peculiar voz baixa –, até o senhor encontrar o caminho para subir. Quando o senhor encontrar, não me chame. E, quando estiver no topo, não me chame.

Seu comportamento parecia deixar o lugar ainda mais gelado para mim; porém, eu não disse nada além de:

– Muito bem!

– E quando você descer até aqui amanhã à noite, não me chame! Quero lhe perguntar uma última coisa. O que o fez gritar "olá, aí embaixo" hoje?

– Só Deus sabe – disse eu. – Gritei alguma coisa parecida.

– Parecida não, senhor. Foram essas as exatas palavras. Eu as conheço muito bem.

– Admito que foram essas as exatas palavras. Sem dúvida eu disse isso porque avistei o senhor aqui embaixo.

– Por nenhuma outra razão?

– Que outra razão eu poderia ter?